
JORNAIS DOS 1900 E O RESGATE DA LITERATURA DE CARMEN DOLORES

Newspapers of 1900 and Redemptions of the Literature of Carmen Dolores

Risolete Maria Hellmann¹

RESUMO: Periódicos raros do início do século XX podem ser documentos relevantes para construir outro olhar sobre a história da literatura. Este artigo objetiva demonstrar a importância da digitalização desses jornais, disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no sentido de possibilitar o resgate de obras literárias e jornalísticas, excluídas politicamente, por uma questão de gênero, da historiografia literária canônica. O acesso às fontes primárias em formato digital na internet possibilita o estudo de textos literários com temas que continuam atuais, bem como contribui para a visibilidade da obra de Carmen Dolores, escritora do século XIX e cronista de vários periódicos entre 1900 e 1910.

PALAVRAS-CHAVE: Carmen Dolores; Fontes primárias; História da literatura.

ABSTRACT: Rare periodicals from the early 20th century can be relevant documents to build another look at the history of literature. This article aims to demonstrate the importance of scanning these newspapers are available in the Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, in order to allow the redemptions of literary and journalistic works, politically excluded, as a matter of gender, canonical literary historiography. Access to primary sources in digital format on the Internet allows the study of literary texts with themes that continue today, as well as contribute to the visibility of the work of Carmen Dolores, nineteenth century writer and chronicler of various journals between 1900 and 1910.

KEYWORDS: Carmen Dolores, primary sources, history of literature.

INTRODUÇÃO

Normalmente, textos de jornais envelhecem muito rápido, principalmente nos dias de hoje quando as notícias nos chegam de todos os lados do planeta, quase instantaneamente, por meio de veículos midiáticos interconectados na rede mundial de computadores, a internet. A ideia do envelhecimento precoce dos jornais se deve principalmente a sua função, concebida pela maioria dos leitores como a principal: noticiar fatos relevantes

¹ Doutoranda de Universidade Federal de Santa Catarina.

do cotidiano para as sociedades. Quando o periódico é impresso, a folha do jornal, no dia seguinte, serve como papel de embrulho, forração do tapete de carro, ou vai compor os quilos de papel para reciclagem. Nesse caso, a notícia envelhece e o seu veículo também em questão de algumas horas.

Porém, nem todos os leitores pensam assim e nem sempre o veículo jornal teve somente essa função. Quem lê a notícia de ontem? Para que ler sobre o fato que já foi? O que mudou na abordagem temática ou na linguagem usadas pelos jornalistas de ontem comparadas às de hoje? Por que preservar a folha do jornal de ontem? Por que bibliotecas buscam outros modos de preservar periódicos por séculos? De que modo é possível fazer a folha do jornal impresso há mais de um século durar mais se o papel deteriora e vira pó? Que textos do jornal de ontem merecem ser resgatados e relidos? Qual a importância do resgate de crônicas de autoria feminina nos periódicos de ontem?

Essas indagações nos levaram ao objetivo de demonstrar a importância da digitalização dos jornais raros, disponíveis na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no sentido de possibilitar o resgate de obras literárias e jornalísticas excluídas politicamente da historiografia literária canônica por uma questão de gênero. Esse é o caso de Carmen Dolores, escritora do século XIX e cronista de vários periódicos entre 1900 e 1910. Através da análise de algumas de suas crônicas, pretendemos ainda dar visibilidade à sua obra esquecida politicamente e, dessa forma, refletir sobre a necessidade de revisar a história da literatura brasileira canônica ou tornar a história da literatura múltipla, como propõe Coutinho (2003, p. 19):

Se não se pode mais pensar a história em termos de um esquema linear e unilateral, mas apenas como a articulação de sistemas que se imbricam, superpõem e transformam constantemente; [...] se finalmente não se pode mais limitar o âmbito da literatura à produção escrita ficcional ou poética, os *corpus* que serviram de base às histórias literárias tradicionais perdem sua fixidez, tornando-se múltiplos e dinâmicos, e dão margem à coexistência de cânones distintos dentro de um mesmo contexto.

Corroborando esse ponto de vista, Cairo (2003, p.84) complementa:

Em plena época dos hipermercados e *shopping centers*, não é possível mais pensar numa história da literatura única calcada num único cânone [...] Nas prateleiras da história diacrônica da

literatura o usuário crítico deverá, livremente, proceder sua leitura sincrônica, buscando resgatar, uma série de outros cânones capazes de gerar muitas histórias da literatura, já que não é possível pensar, no contexto do multiculturalismo em que se está inserido hoje em dia, num cânone que não seja o da exclusão.

Essa crise instaurada na crítica e na história da literatura mudou o modo de investigar a literatura e, conseqüentemente, de escrever a(s) sua(s) história(s), o que nos permite não só demonstrar a insatisfação com a exclusão da literatura de autoria feminina, mas ir além, ou seja, contribuir para a (re)escrita da historiografia literária, seguindo a perspectiva crítica feminista. Nesta pesquisa, procuramos seguir a lição que nos propõe Ramos (2008, p. 157):

O importante nessa leitura é percebermos que as mulheres, ao contrário do que se pensou durante anos, pegaram da pena e fizeram literatura, assumindo o papel a que se propuseram. Assim, elas comprovaram e testemunharam um momento importante da história cultural, embora para a historiografia fossem consideradas sombras, destinadas ao silêncio, à submissão.

Mas, para isso, é imprescindível escavar fontes primárias, muitas vezes raras, quando não em processo de deterioração, sob os escombros do tempo. Os jornais da década de 1900 constituem, na nossa pesquisa, essas fontes primárias de onde extraímos crônicas narrativas e crônicas ensaísticas para uma análise temática.

Começamos por comentar algumas das indagações colocadas anteriormente sobre as razões que levam leitores aos jornais de ontem, sobre os diferentes modos de ler, bem como ressaltar alguns aspectos que diferenciam jornais do final do século XIX e início do século XX dos contemporâneos.

JORNAIS E SEUS LEITORES

Quanto aos leitores de periódicos, é preciso lembrar que existem diferentes modos de ler e os objetivos da leitura podem ser diferentes: podemos buscar informações sobre a realidade cotidiana ou podemos ir ao jornal, seguindo procedimentos de pesquisa, na busca de dados históricos,

culturais e artísticos de uma época e de um lugar. Esse segundo tipo de leitor não vê o jornal como folha descartável no dia seguinte, mas como documento, como fonte primária em que pode apreender saberes diversos: história, memória, literatura, crítica de arte e moda, entre outros.

Além disso, os leitores de jornais do século XIX, por exemplo, não poderiam ter a mesma atitude diante da folha de jornal impressa que a maioria dos leitores contemporâneos, dado a quantidade de veículos que, hoje, registram fatos do cotidiano à disposição desses, inexistentes antes da era tecnológica, surgida no século XX. Jornais e outros periódicos, na virada dos referidos séculos, eram praticamente os únicos veículos de comunicação escrita presentes nas residências e ambientes culturais, por isso a importância de um jornal impresso era outra e o modo de conquistar o público leitor também.

O século XIX foi a época em que se formou um primeiro público leitor no Brasil. Com a chegada da família real no início desse século surgiu, entre nós, a imprensa, foram fundadas mais escolas, mulheres das classes mais abastadas começam a receber instrução em escolas para meninas e, outras, com as preceptoras em suas casas. Os textos literários do romantismo, publicados nos jornais, formam um primeiro público leitor feminino. De leitoras a escritoras foi um passo para mulheres da burguesia, na sua grande maioria brancas.

Apesar da variedade de veículos que temos hoje, continuamos com jornais impressos, concomitantemente aos virtuais e aos televisivos. Quanto ao texto dos jornais, não vamos aqui fazer um estudo comparativo, mas ressaltar que a quantidade de textos poéticos/jornalísticos dos jornais de ontem era consideravelmente maior, comparada à das matérias de hoje.

Durante todo o século XIX e início do século XX, os periódicos impressos no Brasil eram o veículo de comunicação bastante usado para divulgar produções literárias (romances em capítulos, contos, crônicas, poemas) assim como textos de crítica literária, crítica de teatro, crítica de música, etc. Os folhetins, como eram chamados os capítulos de romances e os contos, normalmente apareciam ao *rés-do-chão* da página do jornal. As crônicas, por sua vez, já apareciam em colunas, algumas nomeadas pelo(a) próprio(a) escritor(a). Por exemplo, entre os jornais da antiga capital brasileira, no Rio de Janeiro entre 1900 e 1910, a coluna “A Semana” foi assinada por Carmen Dolores em *O Paiz* aos domingos e a coluna “Dois dedos de Prosa” foi assinada por Julia Lopes de Almeida às terças; “Cinematógrafo” era a coluna de Joe (pseudônimo de Paulo Barreto) na *Gazeta de Notícias*; Costa Rego, Duque Estrada e Theotonio Filho assinavam colunas no *Correio da Manhã*; Olavo Bilac assinou colunas da *Gazeta de Notícias*, Coelho Netto na *Cidade do Rio*, Carlos de Laet assinou a coluna

"De palanque" no *Jornal do Comércio*, entre muitos outros. Em suma, em quase todos os jornais atuavam os escritores mais renomados, normalmente como cronistas, contistas, romancistas e jornalistas: Olavo Bilac, Osório Duque Estrada, Carlos de Laet, Julia Lopes de Almeida, Carmen Dolores, Arthur Azevedo, João do Rio e Joe ou José (pseudônimos de Paulo Barreto), entre outros.

Muitos desses textos nunca foram compilados em livros, ficaram apenas nos efêmeros jornais. Obras literárias (poemas, contos, romances), textos de crítica literária, numerosas crônicas que foram, por um lado, o registro leve, divertido ou polêmico do cotidiano e, hoje, por outro lado, são também documentos da memória cultural, intelectual e poética de uma geração de escritoras e escritores. Nesse sentido, jornais de ontem podem ser fontes primárias de pesquisa histórica, política, econômica e social. Mas o que nos interessa aprofundar aqui é o resgate do poético e da memória cultural, principalmente das escritoras que não tinham as mesmas facilidades de publicação de seus textos em livros, mesmo quando pertenciam à burguesia brasileira.

O trabalho de pesquisa acadêmica na linha de resgate de autoras e obras do século XIX e início do século XX, que vem sendo desenvolvido desde a década de 1980 por críticas literárias feministas no Brasil, vinculadas ao Grupo de Trabalho Mulher e Literatura da ANPOLL, assim como outros projetos de pesquisa nas mais diversas universidades brasileiras, têm como uma das fontes primárias, no levantamento de dados, os jornais impressos daquele período. Esses periódicos foram o veículo primordial para que mulheres conseguissem tornar a sua voz pública.

No entanto, como são periódicos impressos há mais de cem anos, dois fatores dificultam o acesso das pesquisadoras a esses documentos: primeiro, o fato de serem hoje raros, justamente em função da crença da efemeridade do jornal; segundo, mesmo um arquivo como o da Fundação Biblioteca Nacional não dispõe mais dos exemplares de todos os periódicos que aqui tivemos - por exemplo, os exemplares de *A Tribuna* no período entre 1904 e 1910, conforme constatamos recentemente em nossa pesquisa; terceiro, mesmo quando os exemplares ainda existem, há de se considerar que é natural que o papel se deteriore e, conseqüentemente, a manipulação por parte dos pesquisadores seja inviável e os responsáveis pelo acervo tenham de buscar outras formas de promoção da leitura dessa fonte documental.

Hoje é cada vez mais comum encontrarmos na internet acervos de livros digitalizados, o que muito contribui para a formação de novos leitores, principalmente das novas gerações interconectadas nos meios virtuais. Mas a digitalização de periódicos e outras obras raras, acreditamos, tem um valor

maior do que a facilitação do acesso, ou seja, constitui uma forma de preservar documentos importantes para pesquisadores que trabalham na reconstrução da história cultural da mulher, da literatura, do jornalismo e da língua, entre outras áreas. Uma das instituições brasileiras que muito tem realizado nesse sentido é a Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a qual vem realizando o trabalho de digitalização de todos os seus periódicos e os vem disponibilizando no site www.bn.br. Com certeza, nossa pesquisa, em andamento, sobre a obra da escritora do século XIX, Carmen Dolores, não teria o alcance documental que já conseguimos se não fosse o acesso aos jornais raros do início do século XX na internet. A título de exemplo, durante nossa pesquisa de campo, tentamos o acesso a alguns exemplares que ainda não estão disponíveis em forma digital e pudemos constatar o estado de deterioração dos impressos (figura 1):



Figura 1: Fragmentos das páginas do jornal *O Paiz* deterioradas.
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Do exposto, fica evidente o valor do trabalho de digitalização do que resta desse acervo, considerando o quanto falta para ser estudado sobre Mulher e Literatura, mais especificamente na linha de resgate de obras de autoria feminina. Essas pesquisas acadêmicas, hoje, já têm reconhecimento científico. Como já dissemos anteriormente, críticas feministas já identificaram um grande número de mulheres que produziram romances, contos, poemas e crônicas no século XIX, conforme podemos constatar na antologia *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, em três volumes, organizados por Zahidé Lupinacci Muzart e publicados pela editora Mulheres. A obra é resultante de um usado projeto coletivo que envolveu várias pesquisadoras pelo Brasil. Elas tinham como meta resgatar mulheres de letras, as quais enfrentaram muitas barreiras para tornarem suas vozes públicas dentro daquela sociedade patriarcal. Tendo apenas o espaço doméstico determinado

como lugar de atuação, muitas dessas mulheres foram corajosas, ousadas e competentes no uso da pena, por isso conseguiram certo reconhecimento na sua época, no entanto, tiveram seus nomes apagados da história da literatura brasileira. Sobre a produção dessa antologia e a necessidade de continuidade desses estudos, Zahidé Muzart já alertava:

Nós nos contentamos em realizar uma pesquisa historiográfica séria e útil. [...] Ainda nos preocupa a formulação de uma historiografia feminista, cuja prospecção arqueológica é o primeiro passo. Não será possível teorizar no vazio. Esse trabalho de formiga é o de embasamento para um estudo das causas da marginalização da mulher. [...] e então com tais fundamentos, será possível avançar na discussão da lógica dos processos de exclusão e marginalização nas culturas literárias. Aí então poderemos revisar conceitos e pressupostos tradicionais da crítica, bem como questionar os pontos de partida, métodos, categorias e divisões da historiografia literária tradicional. (MUZART, 2000, p.1-2)

Concordando com a crítica e historiadora, como não podemos “teorizar no vazio”, um estudo aprofundado, e fundamentado, das obras dessas escritoras silenciadas politicamente é imprescindível. Contudo, precisamos lembrar que muitas, em função da dificuldade de aceite de editoras, publicaram seus textos poéticos e os registros da memória cultural em periódicos. A grande maioria dessas fundou periódicos femininos, dirigidos a um público feminino, como nos mostram as pesquisas de Constância Lima Duarte (2003; 2012), Muzart (2003) e apenas, algumas raras escritoras ousaram mais, inserindo sua voz, suas opiniões de mulher na grande imprensa direcionada não apenas ao público feminino, mas a todos os leitores do território nacional. Para algumas, essa inserção foi acontecendo gradativamente, iniciando com textos mais leves como contos e fantasias até chegarem à publicação de romance e alcançarem a fama como cronista bem remunerada do jornal de alcance em toda a América Latina, como é o caso de Carmen Dolores em *O Paiz*.

CARMEN DOLORES ESCRITORA E JORNALISTA: ESTILO E TEMAS

Carmen Dolores, pseudônimo mais conhecido de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, além de romancista, contista, crítica literária, dramaturga e conferencista, foi cronista de periódicos da capital e de outros

estados brasileiros do primeiro momento pós Proclamação da República. Ela também usou os pseudônimos masculinos Julio de Castro, Mario Villar, Leonel Sampaio em periódicos como *O Paiz*, *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*, *Diário do Maranhão*, *Gazeta de Petrópolis*, *Diário da Manhã* do Espírito Santo, *A Província* de Pernambuco, entre outros. Além disso, publicou textos em francês no jornal *L'Etoile du Sud* com outro pseudônimo feminino, Célia Márcia.

No jornal *O Paiz*, ela assinou a coluna “A Semana” durante os anos de 1905 a 1910 (ano em que faleceu). Essa coluna teve lugar de destaque, pois ocupava o lado esquerdo da primeira página dos jornais dominicais e os frequentes “diálogos”, nem sempre amenos, com outros cronistas sobre temas diversos, ou opiniões sobre acontecimentos do momento, assim como as críticas que recebia são evidências da sua popularidade.

Um dos poucos críticos e historiadores canônicos que discorrem sobre as razões que fizeram Carmen Dolores optar pela colaboração em jornais foi Brito Broca no seu livro *A vida literária do Brasil de 1900*. No capítulo XX, dedicado aos críticos militantes e cronistas, ressalta a colaboração feminina nos jornais e, entre as cronistas contempladas, estão Julia Lopes de Almeida (rapidamente referida como cronista); Corina Coaracy (que tem seu nome apenas citado) e Carmen Dolores – a quem dedica um longo parágrafo:

Chamava-se na vida civil Emilia Moncorvo Bandeira de Melo (sic) e iniciara a carreira literária numa enquete feita pelos redatores do *Almanaque do País* (sic). Escrevera a princípio por diletantismo, depois, forçada pelas necessidades econômicas, pôs-se a desdobrar-se em colaboração permanente em jornais e revistas. Com o pseudônimo de Julia (sic) de Castro publicara, primeiramente uma série, uma série de contos n’*O País*. Na *Tribuna* aparece como Leonel Sampaio, assinando artigos literários; adotara finalmente o pseudônimo de Carmen Dolores, com que se tornou conhecida na coluna “A semana”, d’*O País*. Espírito combativo, defendera o divórcio e várias reivindicações femininas. As contingências econômicas levaram-na a intensificar a produção literária e jornalística, num labor incessante, com que procurou resistir estoicamente à doença. Pouco antes do seu falecimento a 13 de agosto de 1911, compareceu ainda com a crônica semanal n’*O País*. (BROCA, 1975, p.327)

No ano em que iniciou sua colaboração neste periódico, o ano de 1905, a autora aceitou o desafio de ser uma “pena feminina” – como ela mesma se apresentou diversas vezes – a conquistar um público leitor diversificado pelo gênero e pelas classes sociais, ou seja, ela não se dirige apenas a um público burguês, feminino e ativo socialmente, mas, com certa frequência, descreve vivências suburbanas, ressaltando as injustiças sociais, defende os velhos, assume posições radicais sobre temas polêmicos como o direito da mulher ao divórcio, a violência urbana, o desrespeito à mulher e o uso indiscriminado dos frívolos cartões postais.

Para Eliane Vasconcellos, “suas crônicas podem ser vistas como documentos de uma época, onde ela fixa imagens do cotidiano, expõe suas ideias e defende opiniões” (VASCONCELLOS, 1988, p.12). São essas imagens, referidas pela pesquisadora, que nos interessam neste estudo, pois Carmen Dolores escreveu, entre 1905 e 1910, sobre bem mais do que as transformações estruturais da cidade. Ela falou, sobretudo, de pessoas, de vivências de homens, de mulheres, de crianças e de velhos numa cidade em transformação, bem como dos contrastes que se estabeleceram entre a vida urbana e a suburbana, a Grande Avenida e a ruas do subúrbio da capital brasileira, em plena modernidade durante a *Belle Époque*.

Walter Benjamin (1985, p. 205) escreveu que “[...] os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.” Os posicionamentos de Carmen Dolores diante dessa realidade contraditória, às vezes, foram resultado das suas reflexões sobre as notícias lidas no jornal, outras vezes eram relatos das suas experiências, outras ainda eram fundados em diálogos já estabelecidos com/por outros cronistas. Irreverente e corajosa não se intimidava quando contrariada, reafirmando sempre sua independência de opinião e não filiação a grupo algum. Ousada para uma mulher de sua época, diferenciou-se da maioria das mulheres escritoras, as quais tornaram sua voz pública escrevendo para jornais femininos, fundados por elas e dirigidos ao público leitor feminino. Ela conseguiu um lugar de destaque entre os cronistas homens que escreviam para o grande público, abordando temas que interessavam ao público leitor, mas o que devia despertar mesmo a atenção era a sua forma de expressão ora eloquente, direta e irônica, ora poética, descritiva, metafórica e repleta de comparações entre fatos da realidade contextual e narrativas ficcionais de autores clássicos.

Quanto a expor suas opiniões de forma direta e eloquente, tomamos como exemplo o que disse Carmen Dolores (1905a, p.1.) sobre a frivolidade dos cartões postais, tão em moda naquele momento, e a “total ausência de sigilo epistolar que torna o moderno bilhete postal tão

desenxabido e tão banal”. A longa crônica sobre o assunto despertou descontentamentos entre leitoras e a cronista diz receber uma “carta anônima e feminina de protesto contra uma destas nossas crônicas que atacou, talvez por falta de melhor assunto, a mania dos cartões postais.” Mesmo com o protesto, ela reafirma sua opinião sobre o cartão postal: “[...] é frívolo, inepto, e muitas vezes inconveniente” (DOLORES, 1905c, p.1).

Já ao mostrar seu descontentamento com o calor intenso do Rio de Janeiro no verão e suas consequências na *coqueterie* feminina, assim descreve os raios solares: “a grande claridade do verão nesta época é como o raio x: tudo penetra” e mais adiante falando sobre os inconvenientes da transpiração: “Fique pois, banido o verão do calendário da faceirice e da arte de agradar” os homens, tarefa determinada para as mulheres (DOLORES, 1905, p.1).

A velocidade da vida moderna e a ditadura do tempo marcado no relógio não escaparam a sua percepção enquanto visualizava a multidão de transeuntes dos espaços urbanos e periféricos:

E a vida corrente, a vida civilizada é por tal modo preenchida, é tão febril e absorvida, que não deixa margem aos longos entretenimentos. Mais um! Murmura-se. E passa-se depressa a notícia seguinte de caráter inteiramente diverso, na sede de coisas rápidas e variadas e sob o impulso desse estranho nervosismo do ente moderno, que parece gritar-nos ao ouvido, numa doentia aceleração do vivo sangue arterial: “Anda! Caminha! Agita-te! Nunca pares! Se não para morrer...” (DOLORES, 1905e, p.1).

O “ente moderno” descrito por Dolores (1905e) nesse fragmento nos lembra Benjamin (1989, p.54) ao comentar “o isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados” e citar a descrição que Engels fez das ruas de Londres:

Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todas seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse de serem felizes?... E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no

entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer (ENGELS *apud* BENJAMIM, 1989, p. 54).

Atenta a seu tempo e ao seu contexto, a cidade do Rio de Janeiro sendo estruturalmente e culturalmente transformada pelo projeto de modernização do Prefeito Pereira Passos, Carmen Dolores descreve os novos tempos nos trópicos moldados segundo o modelo francês de civilização. Mas, no sentido de perceber o indivíduo sem tempo para longos entretenimentos, não diferencia do modelo inglês de Engels, onde “não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer”. Carmen Dolores, por outro lado, não deixa de marcar seu texto com a “pitada” irônica: “Nunca pares! Se não para morrer...”

Suas crônicas, publicadas ao longo de cinco anos e meio, nos permitem ler uma variedade de imagens da cidade em transformação, evidenciar outros contrastes da vida moderna, conhecer a vida cultural, a moda, os costumes da burguesia conforme a estação do ano. Bem como, podemos conhecer fatos da história do Rio de Janeiro, principalmente o empreendimento do prefeito Pereira Passos, comentado nesse fragmento de Dolores (1905f, p.1):

Será terremoto?... Será fenômeno nervoso da terra carioca que está vibrando ao contato das elétricas mãos do prefeito?

Ah! Não!... É a estação *qui bal son plein* e imprime a toda a cidade um vivo frêmito de prazer. É o inverno aristocrático que arremeda Petrópolis, que finge até as suas brumas, as suas chuvas, o seu arzinho picante e fino, e dá febre, e dá apetite de coisas alegres, vontade de valsar, de cantar, de bater palmas, de ir aos teatros, de aplaudir o Coquelin ou de discutir-lhe os méritos. É tudo isto misturado que comunica neste momento à nossa capital não sei que trepidação generalizada, sacudindo até as camadas inferiores do solo. (Confessemos que estas andam agora mais à mostra que as superiores.) E quem passa à noite pelas imediações do Lyrico, que atualmente é dramático, é clássico, é foco de intenso gozo intelectual, aprecia o espetáculo pitoresco das chegadas ao teatro, das cintilantes luzes, do agitado burburinho dos grupos, da parada dos bondes de luxo, despejando gente encapotada e grave, com ares de felicidade concentrada, e dos carros luzidios, cuja portinhola se abre e fecha com um estalido seco, impertinente e crispante para a galeria, deixando fugir lindas capas alvadias, pés frementes e bem calçados, estonteantes aromas, leves

mantilhas de renda, que, um segundo, brilham à claridade forte do perestilo e logo desaparecem, somem-se no interior do festivo recinto. [...]

A influência do modelo francês de modernização das cidades brasileiras, na moda das mantilhas de renda, nas lindas capas alvadias, nos perfumes estonteantes, assim como nos costumes burgueses de ir ao teatro, foco de gozo intelectual, ou às festas, bailes e salões está presente ao longo de várias crônicas da autora. Também o burburinho dos grupos, os desfiles luxuosos em carros e bondes elétricos são marcas da modernidade que se construía no Rio de Janeiro concomitantemente às novas grandes avenidas que se rasgavam em linhas retas pelo centro, derrubando tudo que estivesse no caminho e, ao lado das quais, erguiam-se novos e modernos edifícios abrigando o novo comércio e opções de lazer para a população. Daí a ironia parentética de Carmen Dolores com “as camadas inferiores do solo” mais “à mostra que as superiores”. Mais do que a descrição do frêmito da vida moderna, o que nos chama a atenção no trecho é a quantidade de figuras de linguagem usadas pela autora: a comparação das mãos elétricas que produzem um fenômeno nervoso; a personificação do clima que arredonda outra cidade, que finge seus fenômenos naturais, inclusive um “ar picante e fino”; que despertam “um apetite de coisas alegres” (sinestias); e ainda a hipérbole marcada numa trepidação cultural que sacode as camadas inferiores da terra.

Mas ela não conhecia e não escrevia apenas sobre a vida agitada da burguesia na região central, também se ocupava em denunciar a situação precária das ruas periféricas:

[...] cada bairro da cidade tem a sua fisionomia especial, bem viva, o seu ar próprio, um tom que é exclusivamente seu e nunca de nenhum outro...

Tenho visto ruas feias, ruas mal calçadas, pobres, sinistras, antipáticas, mas em tempo algum encontrei uma mais feia, nem mais pobre, mais sinistra e antipática, do que essa de Itapirú, que percorri toda, de uma a outra extremidade, e sob um sol mormacento e implacável, calcinante, atroz, que não deixava dissimular-se num pouco de sombra, servindo de véu à crua realidade, uma única degradação da medonha paisagem, e expunha-as bem a nu, no mais cruel realce, como chagas à luz. “Mas que viagem! Era uma visão dantesca, sob um hálito de fornalha; visão de melancolia, de desesperança e de depressão vital.” [...]quem quiser fazer uma excursão ao inferno por

duzentos réis, tome o bonde de Itaperú. (DOLORES, 1905g, p.1, grifo da autora)

A viagem que lhe proporcionou a experiência deprimente dos indivíduos que percorrem diariamente a mesma rua feia, pobre, sinistra e antipática, comparada à vivência do *Inferno* de Dante Alighieri, não fez com que a cronista perdesse o espírito irônico, marcado na frase final, que permeia a maioria das suas crônicas.

Outro tema, atualíssimo nos nossos dias, bastante trabalhado por Carmen Dolores, em face da realidade observada e/ou lida nos jornais diários, é a violência urbana. O modo como descreve as cenas de horror, enquanto a vasta cidade continua sua rotina febril em outros cantos, permite que o leitor contemporâneo questione se o texto descreve uma cena de hoje, ou de 1905, tamanha a evidência de que a violência urbana no Rio de Janeiro não é nada nova. Vejamos este trecho da crônica de Dolores (1905h, p.1), no qual ela descreve um assassinato violento:

[...] enquanto a vasta cidade rumorejava, luminosa e fremente, na sua febrilidade ativa de grande centro, um punhado de soldados ébrios se revoltava dentro de uma fortaleza e matava, trucidava e incendiava, sem objetivo certo, sem um fim determinado, só mesmo para matar, trucidar e incendiar, numa fúria de dementes. [...]

Foi de certo um poema de horror. E no ambiente azul desta capital, ao rumor dos seus elétricos e carros de luxo, entre o esfuziar dos risos e ditos de espírito nas confeitarias da moda, senhoras passando garridamente em *toilettes* claras pela rua do Ouvidor, toda a vida moderna vibrando, polvilhada de luz, numa sucessão de quadros variados e jubilosos que lembram um colossal cinematógrafo da civilização, como parece extraordinário e incompreensível que se possa morrer desse modo atroz, a dois passos unicamente da nova, da grande Avenida!

A outra vítima sucumbiu ao primeiro tiro, ainda calmo, sem sofrer; mas esse mísero Torres morreu trinta, cem vezes; levou uma eternidade resumida em horas a agonizar e expirar, enquanto a brilhante cidade folgava, na sua inconsciência feliz.

A cronista evidencia o contraste entre a vida moderna fremente, luminosa, rumorosa, alegre e o verdadeiro “poema de horror” vivido por um ente sem condições de defesa, tão próximo geograficamente e tão distante da

vivência daquela realidade da Avenida Central. Isso equipara a proximidade temática e a distância temporal entre o que escreveu Carmen Dolores e o que vivemos nós, hoje, nos mais variados centros urbanos deste imenso país, inclusive no Rio de Janeiro.

Nesse outro trecho, novamente parece que Carmen Dolores antecipa o que encontramos ainda hoje em muitos dos jornais, principalmente aqueles da imprensa marrom:

Os jornais de sexta-feira, cumpre assinalá-lo, arrepiavam os cabelos de toda a população desta cidade e deixaram no ar abrasado um cheiro terrificante de sangue e de morte. Em cada coluna, pode-se ler títulos de sucessos pavorosos – *suicídios, assassinatos, amores fatais, morrer malando, conquistas funestas*, como se a fúria humana, fervendo a tachões ao sol escaldante da semana, instigasse cada criatura, movendo-se nesta área de fogo e atos trágicos e decisivos. (DOLORES, 1905i, p.1, grifo da autora)

É comum encontrar fatos narrados pela cronista frutos de sua observação, ou da sua vivência na vida mundana, mas ela também se vale dos fatos lidos nos jornais de todo o país, assim como as notícias que chegam da Europa. Uma das características do estilo de Carmen Dolores é correlacionar fatos reais com fatos ficcionais, os quais podem servir de introdução da crônica, assim como podem servir de conclusão do fato real narrado:

Na sua sátira terceira, diz Juvenal a um homem que decaiu: 'Sai das fileiras dos cavaleiros, tu que empobreceste! Estás ridículo com a tua face lívida e triste... Já se viu alguma vez um necessitado, um faminto, um infeliz, ser contemplado em algum testamento? Nunca. E se um ébrio de cólera ou de vinho te encontrar na rua, tem a certeza que será a ti e não a um rico que há de escolher para vítima do seu furor. Aos pontapés, ele te perguntará:

-De onde vens? Para onde vais? Em que antro moras?...'

Isto escrevia Juvenal, nascido sob Callista, em Aquim, na Itália. E hoje, entre nós, tais palavras não destoariam, diante da mal fadada sorte desse Andrada e Silva, que, de acidente em acidente, rolou pela vida até acabar sob um bonde. Esse veículo fez as vezes do ébrio ou do furioso encontrado na via pública pelo pobre [...] Escolheu para vítima esse que fora enxotado da nobre fileira social dos cavaleiros e andava errante pela cidade,

em busca do níquel para comer ou da compaixão para se salvar... Dizem que esta não lhe faltou. Que sei eu?!... a compaixão humana tem formas tão singulares, que raramente salva os que dela precisam. (DOLORES, 1906a, p.1)

Em outra crônica, inicia o assunto elencando as mazelas, isto é, as consequências negativas das grandes transformações feitas na cidade do Rio de Janeiro em nome do “embelezamento”:

Não é verdade, amigos leitores, que *embelezamento* é uma bonita palavra que soa bem? E contudo ninguém a pode ouvir mais sem um arrepiado de medo...

Ela não sugere na atualidade senão a terrificante ideia que, agora, sim, é que tudo vai ficar feio deveras... E a razão é simples e justa. Ora, reflitamos.

Embelezam a nossa heroica cidade de S. Sebastião, e o resultado é tornar-se a dita cidade quase inabitável, dos subúrbios à Botafogo.

Embelezam o Mangue e o Mangue transborda à menor chuva, afoga o gás, impede o trânsito dos bondes e carrega com os cacarús da população mais necessitada, além de ameaçar a vida de não pouca gente.

Embelezam a avenida Beira Mar, e os escoamentos pluviais não somente deixam de fazer-se, mas até a maré agora penetra por eles a dentro e vem inundar ruas e casas. (DOLORES, 1906b, p.1)

E continua a elencar toda má sorte que os cidadãos cariocas, em 1906, têm que vivenciar em função das transformações na estrutura da cidade, retoma da memória o modo de vida no tempo de seus avós e acaba por concluir com o poeta Richepin:

Pois bem, pensando estes dias na célebre lanterna dos meus avós, senti haver perdido de vista entre as minhas agitadas e múltiplas instalações, porque hoje mesmo correria a oferecê-la à população da nossa flagelada capital.

Já Richepin disse numa das suas fogosas poesias:

Rien n'est flui, tout recommence...

E conquanto se referisse o poeta às rupturas do amor, nós podemos aplicar *El cuento* às rupturas do hábito das lanternas como meio de iluminação pública nas ruas do Rio de Janeiro.

Não é verdade que elas recomeçaram a sua mansa peregrinação pelas praças e vielas escuras no ano de 1906? Dá-se até uma diminuição de prestígio nesta *reprise* dos costumes antigos: era outrora o servo que humildemente levava suspensa ao dedo a candeia protetora, ao passo que atualmente é o próprio senhor que carrega o farol salvador, se não quer naufragar nas torrentes bravias e em treva fechada. (DOLORES, 1906b, p.1)

E novamente, com sua habitual ironia, talvez a característica mais constante em suas crônicas, ela conclui:

Como meio de salvação há também agora a canoa, a banheira, a barrica cortada pela metade, uma escada de mão, remos, uma vela – objetos esses que todo o cidadão prudente deve possuir em seu lar, de preferência a móveis de estilo, cuja destruição garantida só lhe pode servir de dolorosa preocupação. (DOLORES, 1906b, p.1)

A variedade de temas abordados pela cronista é extensa e merecem estudos, cujos resultados vão muito além de um artigo. Apenas para ilustrar, Carmen Dolores tratou de questões relacionadas à preocupação da preservação do meio ambiente, denunciando a devastação de florestas e a derrubada das árvores no centro Rio de Janeiro. Suas crônicas nos permitem conhecer a história da mulher brasileira e a luta pelos seus direitos à educação, ao trabalho digno remunerado e ao respeito em lugares públicos. Elas possibilitam, ainda, conhecer parte da história do feminismo no Brasil, além de conhecer a história da legalização do divórcio no país.

O que faz sua crônica ser poética e ao mesmo tempo jornalística? Algumas vezes, como o *flaneur* de Benjamim (1985), ela parece perambular pela cidade, capta as imagens do real e descreve poeticamente as cenas da natureza descritas com sons, cores, calor, frio, enfim, sensações transfiguradas em linguagem figurada. Em outros momentos, transforma o fato lido no jornal, como um crime passional, em cena ficcional, com personagens, enredo, descrição do espaço e do tempo. São narrativas com riqueza de detalhes das cenas, correlacionadas à ficção lida. Com frequência, comenta os fatos com sua peculiar ironia, irreverência e ousadia.

Contudo, além do merecimento da escritora do século XIX, pela competência de ter se tornado uma intelectual renomada na sua época, e ter sido esquecida logo após seu falecimento em 1910, é a atualidade dos seus temas que fazem o resgate dessa obra publicada somente em periódicos valer a pena. Considerando que a exclusão dessa obra da historiografia literária

canônica é uma questão de gênero e, portanto, política, já é tempo de reescrever essa história com os resultados dos estudos sobre a literatura de autoria feminina. Assim, as obras de nossas escritoras do século XIX, ousadas, corajosas, como foi Carmen Dolores, terão visibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor do trabalho de digitalização e disponibilização na internet dos periódicos raros, efetuado pela Fundação Biblioteca Nacional, vai além da sua simples preservação, pois facilita o acesso do leitor pesquisador às fontes primárias da memória cultural brasileira. Além disso, as ferramentas digitais de busca por período, por nome ou por periódico ajudam o pesquisador a encontrar as informações com celeridade.

Por outro lado, o trabalho do leitor pesquisador, que percorre o jornal de ontem digitalizado, nos permite ver que nem sempre as notícias envelhecem, pois ele recupera do esquecimento textos que continuam atuais. Ou seja, ainda hoje os cidadãos reivindicam seus direitos; a violência urbana apenas tomou novas formas; pessoas “matam por amor” e justificam seus crimes passionais pelas mesmas razões; cidadãos reclamam da ineficiência do transporte público e da péssima situação de nossas ruas, bem como denunciam o mau emprego do dinheiro público. Além disso, a literatura e as outras artes ainda são capazes de alimentar nossas almas e representar a nossa humanidade.

No entanto, se compararmos os textos publicados nos jornais de ontem com os jornais de hoje, observaremos mudanças na linguagem usada, pois hoje ela é mais denotativa, objetiva, cada vez mais concisa e fugaz. Em textos cada vez mais curtos a vida cotidiana é descrita e o espaço para a palavra poética, refletida lentamente, está mais reduzido.

Já os periódicos escritos no século XIX e início do século XX constituem fontes primárias riquíssimas de investigação literária. São documentos que registram parte de nossa história literária silenciada e que agora pode (re)surgir pelas mãos de leitoras pesquisadoras munidas pelo olhar da crítica feminista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BROCA, Brito. *A vida literária do Brasil de 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. História da literatura, literatura comparada, crítica literária: frágeis fronteiras disciplinares. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

COUTINHO, Eduardo. Comparativismo e história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 7404, p.1, 13 jan. 1905.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7411, p.1, 22 jan. 1905a.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7418, p.1, 29 jan. 1905b.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7425, p.1, 05 fev. 1905c.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7418, p.1, 29 jan. 1905d.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7439, p.1, 19 fev. 1905e.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7579, p.1, 09 jul. 1905f.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7698, p.1, 05 nov. 1905g.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7705, p.1, 12 nov. 1905h.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXI, n. 7740, p.1, 17 dez. 1905i.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXII, n. 7794, p.1, 04 fev. 1906a.

_____. A semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, v.XXII, n. 7843, p.1, 25 mar. 1906b.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Revista Estudos Avançados da USP*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-72, set.-dez. 2003. (Dossiê Mulher, Mulheres).

DUARTE, Constância Lima. Mulher e Escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. *Pontos de Interrogação Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia*, Alagoinhas, v. 1, n. 1, p. 73-83, 2012.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Espiada na Imprensa das Mulheres no Século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.11, n.1, p.225-33, jan.-jun 2003.

RAMOS, Tania R. O. Narrativas de si: lugares da memória. *Desenredo* (PPGL/UPF), Passo Fundo, v. 4, p. 4-9, 2008.

VASCOCELLOS, Eliane. Introdução. In: DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. *Carmen Dolores: crônicas 1905-1910*. Organização de Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1988.

Data de recebimento: 15 mar. 2014.

Data de aprovação: 30 maio 2014.